

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 37 — VOL. II.

Sabbado 11 de Setembro de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Festejos d'Adonis — Galeria historica, continuação — A capella de Corpus Christi, no convento de S. Domingos de Bemica — A villa d'Alter do Chão — Lições para maridos, continuação — O castello de Guimarães.

NOTÍCIAS: — Festejos d'Adonis — Castello de Guimarães — Brasões d'armas das villas d'Alter do Chão e Alvito — Capella de Corpus Christi, no convento de S. Domingos de Bemica.

Historia da actualidade.

As embarcações sardas, cuja entrada no Tejo noticiada a semana passada, partiram no dia 6 do corrente para o seu destino. A sua tripulação admirou pelo bello comportamento em terra, esmero e acção de fardamento; e as embarcações pela sua construção e mais requisitos marítimos. Era excellente a banda militar da sua guarnição. O Senhor infante D. Luiz foi visitar estes barcos antes de darem á vela.

Reuniu-se no dia 6 do corrente em Aveiro a sociedade agricola do districto para discutir um parecer da sua commissão, sobre a produção de cereaes, e seu consumo no corrente anno.

A casa fiscal da camara municipal de Coimbra rendeu no mez de Agosto findo um conto seiscentos mil quatrocentos cinquenta e cinco réis. A camara administra agora os seus rendimentos, em vez de os arrendar como até agora; e note-se que os rendimentos tem subido.

Dizem os periodicos da mesma cidade que circulam ali muitas moedas falsas de duzentos réis. Tambem aqui em Lisboa o pequeno commercio se acha affectado do mesmo mal. Sendo ellas, como são, perfeitamente cunhadas, um escrupuloso exame na serrilha as fará distinguir das verdadeiras, que tem a serrilha mais delicada e profunda do que aquellas.

Em Guimarães grassa uma febre escarlatina, que se de pouca duração, pois em quatro dias se atalha, comtudo assusta pela propagação que tem tido não só n'aquella cidade, mas tambem nos povos annexos do conchello.

Na mesma cidade trata-se de estabelecer um fio electrico que a ponha em communicação rapida com os outros pontos do rei-

no, e estrangeiro. Para este fim já se representou ao governo.

O arrolamento dos vinhos no districto agricola do Douro hade começar no 1.º de Outubro proximo.

No mez de Agosto findo teve a alfandega do Porto um rendimento superior ao de eguaes mezes no decurso dos ultimos sete annos, pois montou á quantia de cento cinquenta contos quatrocentos e sete mil novecentos sessenta e nove réis.

O banco mercantil da mesma cidade marcou o seu dividendo do primeiro semestre d'este anno, em dois e meio por cento.

Segundo noticiam de Malta, a peste de Derna invade o interior. Tripoli ainda não está de todo livre d'este flagello.

Falla-se no casamento do marechal Pelissier, duque de Malakoff, com a irmã do Marquez de Paniaga, D. Sophia Valera. Este casamento é assumpto das conversações dos circulos aristocraticos.

O compositor Rossini vendo em Passi um terreno que lhe agradou, quiz compral-o á respectiva municipalidade. Estava avaliado em vinte e tres contos e quatrocentos mil réis, e ella ce-deu-lhe por noventa mil réis sob condição de reversão depois da morte do illustre compositor e sua viuva, satisfazendo-se aos herdeiros o valor das propriedades que Rossini ahi fizer construir.

Descobriu-se em Alexandria uma conspira-

ção contra o governo, e foram presos quatro pachás, e muitos officiaes superiores.

O jornal *Italia del Popolo*, que era orgão de Mazzini, cessou a sua publicação.

Os imperadores de França partiram para os banhos de Biarritz.

Chegaram da Australia a Londres setecentas mil libras esterlinas.

A rainha de Inglaterra, e a familia real, já regressaram da sua viagem á Prussia.

Tinham-se rompido novamente as hostilidades em Cantão, chegando os aliados a queimar um bairro em represalias, e a canhonear as embarcações chins, quando chegou a noticia do tratado, que poz termo a este actos.

O congresso telegraphico internacional, reunido em Berne, concluiu os seus trabalhos.

Supprimiu-se o governo geral de Argelia, e nomeou-se Mac-Mahon commandante superior das forças de terra e mar n'aquella colonia.

As tropas inglezas que operam no reino de Oude occupam-se em demolir os fortes. Executaram-se ahi muitos dos revoltosos, e distribuiram-se premios aos chefes que se conservaram fieis.

O Punjab acha-se tranquillo.

A associação commercial de Lisboa dirigiu ao governo uma representação sobre cereaes, pedindo a reforma da legislação sobre este ramo de commercio, estabelecendo-se um systema fixo e invariavel.

A *Union Bank of London* abriu um credito em favor de sir Morton Peto de trezentas mil libras; e sobre o Porto de quinhentos e quarenta contos, para as despesas da empreitada do caminho de ferro de Santarem ao Porto.

No campo do Bomfim, em Setubal, ha todos os domingos d'este mez um bazaar, cuja rifa é destinada para acudir aos engeitados d'aquella misericordia. O dito campo acha-se vistosamente decorado e embandeirado, tocando ahi alternadamente as duas philarmonicas da villa. A' noite ha illuminação de balões e vidros coloridos. Com a facilidade do caminho de ferro do sul, espera-se que ali concorram alguns moradores de Lisboa.

Nomeou-se uma commissão, e já se instalou no dia 6, para a restauração do instituto das



Festejos d'Adonis.

irmãs de caridade, e mais providencias consignadas no decreto do 3 do corrente, publicado no *Diário do Governo*.

— A nossa litteratura dramatica enriqueceu-se com um livro do senhor Andrade Ferreira, no qual, além da introdução, aprecia os escriptores Garrett, Mendes Leal, Almada, Camillo Castello Branco, Amorim, Biester, Palmeirim, e Corrêa de Lacerda, sob o ponto de vista d'esta provincia da litteratura.

— Houve mudança ministerial em Constantinopola, saindo do gabinete o cunhado, e quatro generos do sultão.

— O dia 3 do corrente era o destinado para se abrir na Belgica o congresso de propriedade litteraria.

— O governo prussiano decidiu erigir á sua custa um monumento a mr. de Stein.

— O imperador da Russia antes de partir para Varsovia, ordenou a liberdade dos aldeões das propriedades imperiaes, em numero de duzentos mil.

— Ha crise financeira em Varsovia, em consequencia da má colheita, que não permite a exportação de cereaes.

— Progridem com actividade os trabalhos da telegraphia de Constantinopola a Belgrado.

— O caminho de ferro de leste, desde 24 a 30 de Agosto, transportou nove mil duzentas e vinte cinco pessoas, com cincoenta mil setecentos vinte e dois kilogrammas de bagagens, produzindo ilíquido dois contos duzentos e sessenta mil réis, ou trinta e tres mil duzentos quarenta e tres réis por kilometro; ou perto de quatro mil e oitocentos réis por dia-kilometro.

— Para se comparar este producto, por dia-kilometro, com qualquer dos annos mais afortunados no estrangeiro, dirêmos que na França o dia-kilometro tem andado por vinte cinco mil novecentos e vinte réis; na Inglaterra por vinte dois mil oitocentos e sessenta réis; na Alemanha por treze mil oitocentos e sessenta réis; na Westphalia por cinco mil novecentos e quarenta réis; no Bergish-Mark por tres mil duzentos e quarenta réis; e na Baixa Silesia (setenta e um kilometros em exploração) por tres mil e sessenta réis. Portugal tem por ora só em exploração sessenta e oito kilometros.

— O pharol de luz fixa, situado na embocadura do porto de Syracuse, foi substituído por um aparelho lenticular de luz vermelha, constante e invariavel.

— E' grande o entusiasmo nos Estados Unidos pelo estabelecimento do telegrapho submarino europeu, havendo despendiosos festejos publicos.

— A rainha Amelia, da Grecia, regente na ausencia do rei Othon, decidiu que os seus ministros fizessem uma viagem pelo interior, afim de estudarem as necessidades do povo.

— Diz-se que a Porta pediu ao governo inglez explicações sobre o bombardeamento de Djeddah.

— A Porta nomeou uma commissão para a reconstrução das fortificações de Kars, e outras localidades.

— A Inglaterra deixou de se oppor, como até aqui, á abertura do istmo de Suez.

— Na China, em virtude dos novos tratados, além das concessões que já noticiámos, aboliram-se as leis contra o christianismo; admittem-se em todo o imperio os missionarios; determinou-se o castigo, e levou-se a effeito, dos assassinos do missionario Chappedelain.

— O governo francez vae augmentar as suas estações navaes, acrescentando-lhe a das costas orientaes da America.

— Trata-se de estabelecer uma companhia para serviço de barcos de vapor entre S. Petersburgo e o Havre, navegando com a bandeira russa. O governo russo costeará a empresa com a quantia de um conto e oitenta mil réis por cada viagem.

— Estabeleceu-se em Alcantara uma fabrica de sabão, que já tem á venda o seu producto, e dizem os entendedores ser o melhor que actualmente se acha no mercado.

— A sociedade promotora da educação popular vae abrir saras artisticos, onde os poetas e musicos concorrerão.

— O melhor constructor de machinas que ac-

tualmente ha na Alemanha, mr. Borsig, dono de um estabelecimento junto a Berlin, deu uma grande função a cinco mil operarios seus, e que durou dois dias, por occasião da saída das suas officinas da millesima locomotiva.

— Descobriu-se na Australia, pela companhia *Red Hill lining*, sociedade de vinte e dois exploradores, em Beltart, um pedaço de ouro, pesando duas mil duzentas e dezete onças. Mede vinte pollegadas de comprimento; seis a sete de largura; e quasi outro tanto de altura.

— O senhor abba-de Castro acaba de publicar uma noticia historica acerca da fundação e instituição do collegio de Nossa Senhora da Conceição, estabelecido em Santarem, no anno de 1780.

— No convento da Covilhã, por causa do crime de moeda falsa, deu-se uma busca, e encontraram-se tres falsos; um na egreja por baixo do altar mór; outro no refeitório; e o ultimo por baixo do degrau d'uma escada. Em todos se acharam moedas falsificadas.

— No dia 24 do passado houve uma forte trovoadá na villa dos Arcos, e um raio despedido n'essa occasião fulminou um homem.

— Em Vianna do Minho appareceram uns gattunos a que pertenciam certas senhoras que a pretexto de compras, iam escondendo as peças que as lojas de fanearia lhes apresentavam. Foram presos.

— Saiu á luz o primeiro volume das poesias do senhor Gomes d'Amorim, intitulado *Cantos matutinos*.

— Rebentou uma trovoadá sobre Coimbra, tambem no mez passado, e um raio assombrou um homem. Outros raios que caíram sobre Mortagoa lançaram fogo a grande porção de matto.

— Para o monumento que se projecta levantar á memoria do Senhor D. Pedro IV, receberam-se, por subscrição voluntaria, vinte e cinco contos quinhentos setenta e dois mil novecentos e trinta réis. D'esta quantia dependeu-se em planos, modelos, e obra que existe na Praça de D. Pedro, vulgo Rocio, vinte e cinco contos quinhentos quarenta e nove mil e vinte e cinco réis. Restam pois somente vinte tres mil novecentos e cinco réis.

— Restabeleceu-se o arruinado convento e respectiva egreja de Santo Antonio da Convallescença, e no domingo 5 do corrente teve logar a sua sagração com missa instrumental, sermão, arrayal, e fogo de vistas.

— Chegou a Lisboa o principe Leopoldo, futuro esposo da serenissima Senhora infanta D. Maria Anna. O consorcio terá logar no mez de Março proximo.

— No dia 25 do passado tiveram logar os exames na escola de instrução primaria de Mafra, creada por el-rei o Senhor D. Pedro V n'aquelle seu palacio, como igualmente creou outra aqui em Lisboa, estabelecida no largo das Necessidades. Assistiram aos ditos exames, além de toda a familia real, e pessoas do seu sequito, as familias dos alumnos, e grande numero de espectadores estranhos. El-rei recitou n'esse acto um discurso, que é uma verdadeira dissertação sobre a instrução e civilização do povo portuguez.

— Os premios aos alumnos mais distinctos d'esta escola de Mafra, consistiram em muitos livros rubricados pela regia mão, e quatorze medalhas, sendo tudo distribuído por sua magestade a rainha. Além d'elles, deram suas magestades, aos alumnos mais pobres, a quantia de seis libras a cada um para vestuario.

— Teve logar na semana passada em Paço d'Arcos a regata promovida pela *real associação naval*, de que é presidente o Senhor infante D. Luiz. Na corrida dos yatchs de primeira classe não se adjudicou o premio, que era offertado por sua magestade el-rei o Senhor D. Pedro V, em consequencia dos protestos que houve por causa do intitulado *o Mesmo* ter arrombado a pópa do *Corça*; e o *Saltarello* abalroar com o *Pet*. Os outros premios secundarios distribuiram-se a quem os ganhou.

— Por occasião d'esta festividade da regata, serviu-se um lunch no jardim do senhor conde das Alcaçovas em Paço d'Arcos, tomando parte na primeira mesa cem damas; e na segunda duzentos socios. A' noite houve baile, que durou até alta

hora da noite, e que foi honrado com a presença do Senhor infante D. Luiz.

— Foram julgados esta semana, pelo conselho da *real associação naval*, os protestos dos yatchs de primeira classe, e decidiu-se haver novamente para elles outra regata, afim de competentemente se adjudicar o premio de sua magestade.

— As duas curas que o operador orthopedico, o doutor Cort y Marty, já tem operado em Lisboa, a primeira em uma menina de dez annos, e a segunda n'um menino de quatro, são maravilhosas. Em quinze dias de tratamento já andam sem o auxilio de moleta ou bengala, e espera-se que em breve estejam radicalmente curados. Tem o mesmo doutor agora em tratamento uma menina de onze annos, que não pode andar em consequencia d'uma paralyisia quasi geral, e confia-se colher bom resultado da sciencia do operador.

Festejos d'Adonis.

Estes festejos constituem uma das mais notaveis solemnidades do antigo paganismo. Dividiam-se em duas partes distinctas. Na primeira commemorava-se a desappareição de Adonis; na segunda, a sua resurreição.

Era a primeira parte d'estes festejos celebrada com tal pompa, que, segundo Atheneo e Pollux, não havia idéa d'igual. Dirigiam-se em procissão os sacerdotes, seguidos pelas principaes mulheres do paganismo, vestidas de opas pretas, e com os cabellos soltos, carregadas de preciosissimos cestos de fructos, flores, e perfumarias, derramando copiosas lagrimas, e gemendo de modo a fazer cortar o coração. Chegavam a um cadafalso, coberto com sumptuosas alcantifas, e ahi, sobre uma eça coberta de purpura, depunham os sacerdotes a estatua d'Adonis, pallida como a morte e com a sua horrivel chaga ainda aberta. Collocavam-lhe depois ao lado a incasta e lacrimosa Venus, representada por uma mulher das mais formosas, que n'esse dia se apresentava quasi nua, e com os cabellos soltos, bem soberba talvez da impressão que sem duvida produzia no espirito dos sacerdotes e dos grandes; e as mulheres derramavam em roda do sarcophago os fructos, as flores e os perfumes, que tinham trazido, em signal de lucto e dôr como quem não aprecia encanto algum da natureza. Quando o sol declinava, vinha um enxame de meninos nus, com azas doiradas, untar o corpo d'Adonis com oleos odoriferos, e as mulheres, pegando em tesouras de ouro, simulavam cortar algumas tranças dos proprios cabellos, esturgindo os ares com sentidas exclamações de pesar.

Em Alexandria, era o mar que servia de sepultura a Adonis. Dirigiam-se com grande pompa ás margens do mar Vermelho; as mais distinctas mulheres, e, até por vezes, algumas rainhas do Egypto, conduziam a estatua do mancebo, e depois de grandes discursos pronunciados pelas mais sabias, cobriam os sacerdotes de flores as ondas, onde se suppunha ser lançado Adonis, no momento em que o ultimo raio do sol desaparecia no horizonte.

A resurreição era celebrada com mais regosio, como será facil de entender. Representava-se ainda Adonis sobre um estrado magnifico; mas d'esta vez era quando o sol subia, ainda fraco e indolente, no nosso hemispherio, ao qual em breve inundava de torrentes de luz. A alegria succedia aos lamentos e ás lagrimas; e todos os mais bellos productos da terra, collocados em magnificos vasos de ouro e prata, habilmente cinzelados, rodeavam a estatua do mancebo resuscitado. Em todas as praças publicas, e terrados das casas, se preparavam festins esplendidos. Athenas e Alexandria revestiam-se das suas mais preciosas galas para celebrarem a reaparição do formoso Adonis. E n'essa occasião as mulheres preparavam, no silencio da noite, bellas coróas de flores para coroarem os amantes que não tardavam a procural-as com o sorriso nos labios e a esperanza no coração.

Que bellos festejos!... Quem sabe se n'esses momentos, alguns fracos d'espirito não teriam dado riqueza infinda só pelo quarto de hora da vida de um d'esses Adonis parciais, que deviam ser coroados de flores?

Galeria historica.

LUIZ IX (S. LUIZ) REI DE FRANÇA.

Continuação.

Durante um mez soffreram os christãos o fogo dos inimigos, resistindo com denodo, noite e dia, aos seus furiosos ataques, quando se lhes apresentou um arabe, que a troco de dinheiro vendeu ao senhor de *Beaujeu* o segredo d'uma paragem, a meia legua d'ali, onde se achava uma jangada para atravessarem o canal.

A appareição inesperada do arabe, que podia ser tomada por milagre, se não admittisse explicação pela ambição do traidor, reanimou os christãos. Seguros de que o arabe dizia a verdade, o rei e os principes puzeram-se em marcha pelo meio da noite, á frente dos seus esquadrões, já tão disimados pelo terrivel *Fakreddin*.

Quando chegaram ao ponto indicado, o conde d'Artois, sob pretexto de reconhecer a margem opposta, onde o rei devia desembarcar, saltou primeiro na jangada com os seus principaes guerreiros, protestando em altos brados que se tentassem obstar-lhe ao embarque, passaria o rio a nado, embora o arrastasse a torrente! Todos os templarios, e hospitaleiros, assim como a cavallaria ingleza, sob o commando do conde de Salysbury, seguiram por ordem de Luiz IX o joven principe, a quem o ardor arrastava muito além do que permitia a coragem do guerreiro experimentado nos perigos e glorias da guerra.

Apenas desembarcou, sem esperar pelo sequito, avançou denodadamente á frente da sua committiva, pelo bosque, onde em breve mais de trezentos sarracenos vieram embargar-lhe a passagem. Caído sobre elles, o conde d'Artois, cego á razão, surdo ao conselho, embriagado pelo amor da gloria, corta á direita e á esquerda, e persegue os fugitivos até ao acampamento onde se precipita com elles.

Tomados de subito, chefes e soldados, em vão pretendem pegar em armas; em vão intentam resistir: a espada do conde não lhes dá tempo de se ordenarem, e secundada pelas dos terriveis templarios, vae obrigando-os a salvarem-se na fuga, tomando-lhes armas e bagagens.

Cansado, porém não saciado, o conde determina perseguir-os até Mansourah. O grã-mestre dos templarios protesta contra a loucura de se afastarem do grosso do exercito. O conde, porém, no auge do arrebatamento, accusa de traidores os templarios, que, estimulados por tão falsa quanto injuriosa accusação, arrancam de novo as espadas e são os primeiros a gritar — ávante! Ao seu exemplo, hospitaleiros e cavalleiros inglezes correm a toda a brida em perseguição dos fugitivos, e tomam Mansourah quasi sem darem uma cutilada, nem quebrarem uma lança. A victoria foi, porém, cantada fora de tempo. Não tardou que uma coorte formidavel de beduinos — *leões de combate*, como lhes chama a historia arabe — viesse precipitar-se sobre os christãos em repetidos e terribes ataques, que de sobra justificaram os prudentes conselhos do grã-mestre dos templarios contra a insensatez do conde d'Artois: e os christãos, que momentos antes tinham vangloriosamente perseguido um exercito em desordem, e entrado os muros de Mansourah, são pelos beduinos fechados n'aquella praça como um rebanho d'ovellas no redil.

A noticia consternou o grosso do exercito, que elles tinham tão loucamente abandonado. A desordem principiou a grassar entre os chefes, não atinando com as manobras que deviam ser operadas. Os musulmanos, conhecedores do terreno, e dos sitios em que o rio offerecia vá, affluam de todos os lados, como se estivessem surgindo do seio da terra!

Dos christãos, uns correm a socorrer o conde d'Artois; outros a cortar as marchas do inimigo para evitar que as differentes legiões se reunissem: cada qual vae para onde quer: a desordem é por assim dizer a ordem. Combates parciais e sem importancia, perdas inuteis, movimentos tão precipitados como infelizes, tudo parece concorrer para presagiar a completa dissolução do exercito; quando começa a correr noticia, de que *Fakreddin* se preparava para lhe cortar a retirada, e dar-lhe na margem do rio uma batalha decisiva, de accordo com Bibars, que commandava as forças auxiliares dos beduinos.

Foi n'esta terrivel crise que no exercito, já tão consternado, cresceu o panico por causa do rei ordenar a retirada em frente das espadas musulmanas; mas foi n'este momento, em que já alguns esquadrões fugiam a toda a brida para o canal; em que os chefes, desanimados, não avançavam; em que tudo parecia tender a um desmembramento inevitavel, que Luiz IX offereceu ao exercito a maior prova de coragem e de placidez d'espírito: quasi só, abandonado pelos seus, no meio do combate, rodeado por trinta musulmanos, cada qual mais sedento do sangue christão, a sua espada gira como raio despedaçador, espargindo torrentes de sangue em que os cascos do cavallo se mergulhavam.

Espantados de tanta audacia, e picados pelo despeito, os christãos voltam ao combate, e, n'um d'esses esforços sublimes que no Oriente tanto os caracterisaram, levam adiante o exercito em confusão, offerecendo ao pizar dos seus donosos cavallos as bandeiras e tropheos de milhares d'inimigos esmagados.

Entretanto os infelizes cavalleiros encerrados em Mansourah succumbiam quasi todos ao mesmo tempo sob a espada dos beduinos. Salysbury pereceu á frente dos seus soldados: Coucy expirou, commettendo prodigios de valor; e o conde d'Artois, fazendo de uma das casas da cidade o seu derradeiro intricheiramento, já rodeado dos cadaveres dos ultimos templarios, caiu finalmente, brandindo a espada, esmagado pelas paredes que desabaram ab embate das machinas de guerra.

Os beduinos, encontrando no meio das ruínas a coragem do principe, semeada de flores de liz, mostraram-na com enthusiasmo, dizendo que era o despojo do rei de França. Os musulmanos exaltaram-se; e todo o exercito inimigo cantou n'essa noite os hymnos da victoria, e na primeira sexta-feira de quaresma aprsentou-se a offerecer aos christãos uma batalha decisiva, arvorando como tropheo a *coroa do rei de França*.

A lucta foi pertinaz e sanguinolenta. Os cruzados, aterrados com os fogos d'artificio que os infelizes lhes lançavam, e que não sabiam facilmente extinguir, corriam desordenados lançando gritos de desespero; mas o rei, combatendo com a coragem e presença d'espírito de que já dera tantas provas, serviu ainda de exemplo e d'estimulo ao exercito, que em pouco tempo forçou os sarracenos a abandonarem o campo.

Parece que o ceo, como para experimentar os seus eleitos, não queria poupar-os ás mais cruéis afflicções!

Appareceu um outro inimigo terrivel, contra o qual nada podia a coragem; senão a resignação profunda que tão fortes nos torna nos soffrimentos! O exercito foi assallado por uma doença contagiosa que o devorava no meio das suas conquistas.

N'esta deploravel crise Luiz IX foi o mesmo que tinha sido nos combates. Com igual coragem e sangue frio visitava, como bom pae, os seus soldados moribundos, levando a todos palavras de consolação. Em vão pretenderam alguns dos chefes dissuadi-lo do zelo com que cumpria o seu dever, pintando-lhe com vivas côres a orphandade, a que ficariam reduzidos pela sua morte: a todos o principe respondia com placidez, que o seu dever consistia em morrer ali com aquelles, cuja guarda o Altissimo lhe confiava.

Mortos uns, outros enfraquecidos pelas febres, privados d'agua e quasi de alimentos, na aridez d'aquella solo abrasado, já tão incapaz estava o exercito de combater, que se decidia a retirada. Os musulmanos, que a pouca distancia consideravam com satisfação as privações e a doença que consumiam os christãos, não querendo levar o combate aonde só encontrarão cadaveres, esperavam alguma supplica pela qual podessem impor-lhes algumas condições vantajosas para o futuro.

Luiz IX, porém, a nenhuma desceu; e tanta firmeza conservou n'aquello estado miseravel, aos olhos dos infelizes, que estes não poderam subtrahir-se á profunda admiração que lhes inspirava tão heroica resignação!

O exercito principiou a retirar-se para o Nilo onde contava embarcar. Luiz IX ordenou que primeiro fossem para bordo os feridos e doentes, e, apesar da febre que já o consumia, recusou embarcar em quanto um unico dos seus soldados estivesse em terra. Um corpo consideravel de musulmanos vagorosamente lhes cortara a retirada, annunciando o chefe, em termos respeitosos, que não tendo sido pedidas trezças pelo rei, devia, em vista d'aquella retirada silenciosa, considerar-o seu prisioneiro, e como tal vinha reclamá-lo em nome dos califas.

Resistir era impossivel. Luiz IX agradeceu a Deus a maneira commedida como o chefe inimigo se comportava; e estendendo os pulsos aos ferros, não teve ao menos de soffrer o insulto do vencedor.

Acompanhado pelos seus principaes guerreiros, foi o rei transportado a Mansourah, onde soffreu, sem verter uma lagrima, quanto ha de amargo na miseria para um grande da terra! Dir-se-hia que tantos soffrimentos não serviam senão para fazerem realçar as virtudes que se lhe abrigavam no coração! Tão rei foi no throno e no campo da batalha, como nas masmorras e nos ferros do captivo.

Cansado o sultão de tanta constancia, e desejoso de negociar com o seu real prisioneiro, propoz-lhe o resgate por oito mil *bezantes* d'ouro; ao que Luiz IX respondeu: «que um rei de França não se resgatava a preço de dinheiro; que dava por si a cidade de Damietta, e os oito mil *bezantes* d'ouro (sete milhões de francos) pelo seu exercito.» Em seguida, sem esperar muito, foi o tratado concluido; mas no momento em que se estava a ponto de lhe dar execução, o assassino do sultão pelos mamelucos de novo sepultou nos ferros o martyr da religião de Christo.

Com assassinos se precipitaram, d'espada na mão, na galera onde estavam prisioneiros o conde de Bretonha, o duque de Monfort, e o senhor de Joinville, e lhes annunciaram que era chegada a sua ultima hora.

O rei consumia-se de anciedade, no fundo da sua prisão, quando de repente se abriu a porta, e o chefe dos mamelucos, Octai, apresentando-se-lhe com a espada ensanguentada na mão, lhe disse: — Rei, o sultão Almoadan já não existe: que me darás tu por te ter livrado d'aquelle inimigo poderoso?

Luiz IX quasi não respondeu. Despeitado pelo mau acolhimento que recebia, o mameluco, apresentando contra o peito do rei a ponta da espada, disse:

— Ignoras acaso que estás em meu poder? *Arma-me cavalleiro ou morre!*

— *Faze-te christão, replicou Luiz IX, que eu te armarei cavalleiro!*

Resposta sublime que apasiguou o furor do infiel, e augmentou o respeito que S. Luiz inspirava aos sarracenos, que o proclamavam «o mais atrevido christão que tinha pisado terras do Oriente!»

A 10 de Julho de 1254, o rei foi resgatado, e voltou para França, onde o chamava a morte de sua mãe.

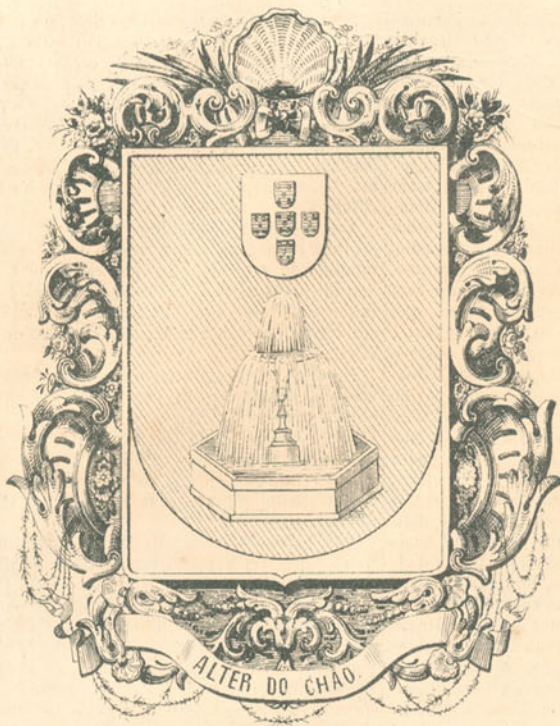
Quatorze annos depois, fez Luiz IX nova promessa de passar á Terra Santa. Embarcou como da primeira vez em Aigues-Mortes, com seus tres filhos, e um exercito de sessenta mil homens, do qual fazia parte Carlos d'Anjou, rei de Napoles, á frente de trezentos cavalleiros napolitanos da primeira nobreza.

N'uma carta do rei ao abade Mathews, lê-se, a respeito d'esta segunda expedição, o seguinte:

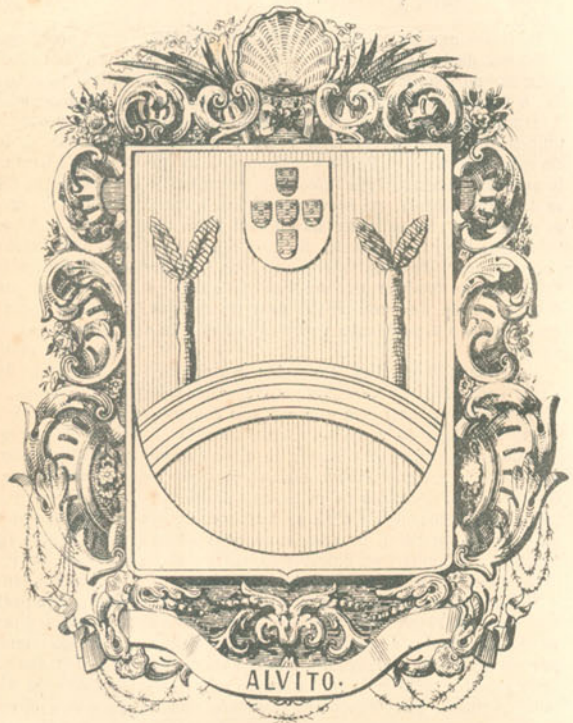
«Chegámos a vista de Tunis na ultima segunda-feira antes da festa de Santa Maria Magdalená; e desembarcámos, na terça, sem o menor obstaculo. Dirigimo-nos á cidade a que dão o nome de *Carthago*, e ali estabelecemos o nosso acampamento. Temos em nossa companhia n'esse irmão Alfonso, conde de Tolosa e de Poitiers; nossos filhos, Philippe João e Pedro, e nosso sobrinho Roberto, conde d'Artois, e todos os nossos presados barões; gosando, graças a Deus, de saúde perfeita que nos dá esperanças de resistirmos por muito tempo ao effeito destruidor d'este clima. O nosso primeiro passo assignalou a primeira conquista. A cidade acaba de ser to-



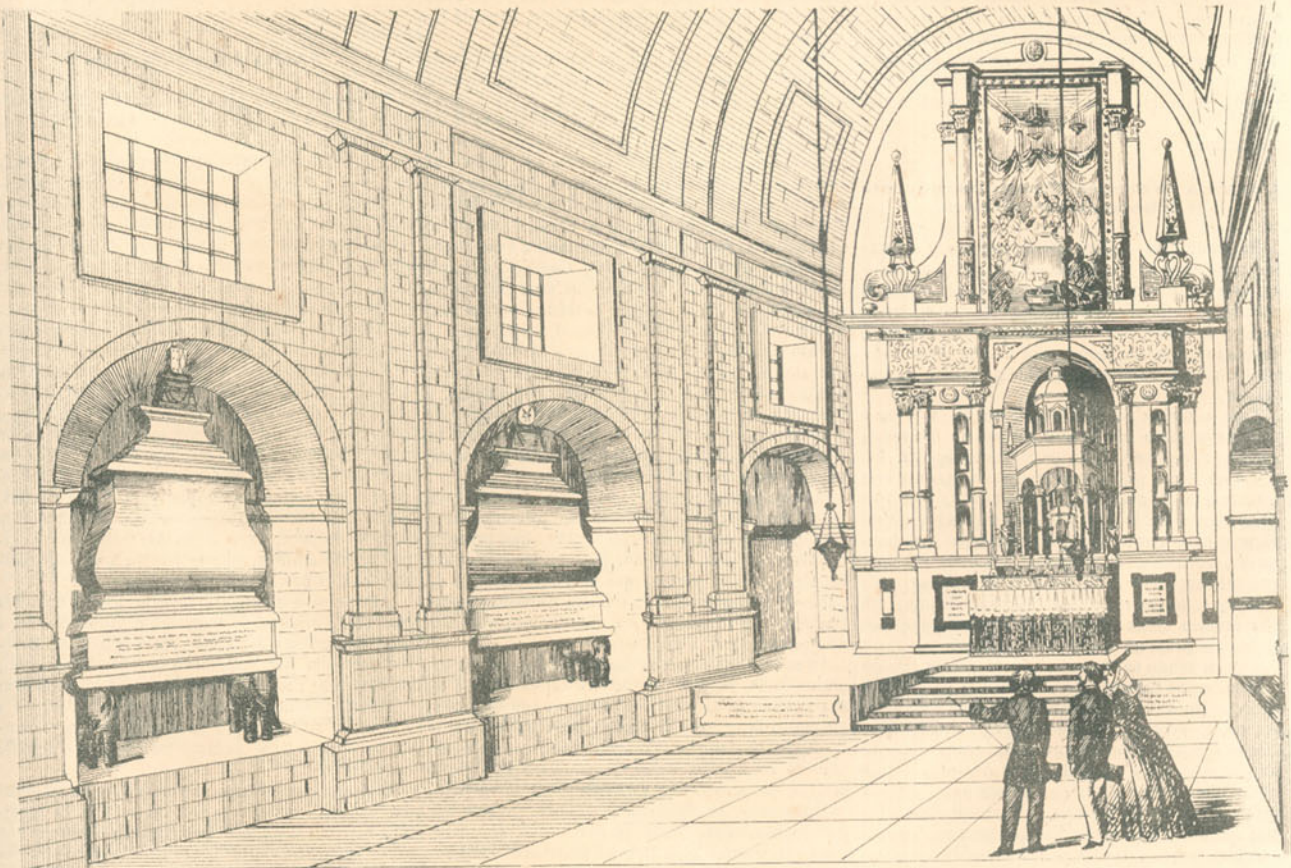
Castello de Guimarães.



ALTER DO CHÃO



ALVÃO.



Capella dos Castros no claustro do extinto convento de S. Domingos de Benfica.

«mada d'assalto, e os sarracenos passados á es-pada.»

Dissemos que na primeira expedição, em 1248, a demora depois da primeira conquista fôra prejudicial, no seguimento das marchas, ao exercito: o mesmo defeito o perdurou tambem d'esta vez! A demora em esperar o rei da Sicilia, que devia unir-se-lhe, foi-lhe tão fatal como a que teve em esperar o conde de Poitiers: acampado n'um solo ardente, bebendo agua infecta, e alimentando-se de carne salgada, em breve principiou a sentir os primeiros abalos da mesma terrivel febre que tanto mal lhe havia causado. S. Luiz, que não se poupava ao cuidado de velar pelos seus soldados enfermos, foi tambem accommittido pelo mal. A doença porém declarou-se-lhe com tal rapidez, que poucas ou nenhuma esperanças havia de o salvar.

«Oh! meu Deus, dizia elle, sede benigno com este bom povo que me seguiu; salvae-o das mãos do inimigo, e fazei com que não seja constrangido a renegar do vosso santissimo nome!»

A doença progredia. Chegada ao ultimo periodo, pediu o rei que o deitassem sobre cinzas; e com os braços cruzados no peito, os olhos levantados para o ceo, deu a alma ao Creador, no dia 25 d'Agosto de 1270, pronunciando estas ultimas palavras: «Senhor, eu entrarei na vossa casa, e vos adorarei no vosso santo tabernaculo!»

N'esse mesmo dia desembarcou Carlos d'Anjou; mas aos sons alegres das tubas de guerra, só responderam prantos e gemidos. O principe, agitado por um presentimento lugubre, correu á tenda real, onde achou o cadaver do rei estendido sobre o seu leito de cinzas, e cercado pelos vassallos cobertos de lucto.

A vida de S. Luiz, tendo sido escripta pelo seu amigo e fiel companheiro o senescal de Champagne, constitue um livro interessante pelo estylo com que o historiador, na commemoração dos factos, mostra ter esquecido a amizade profunda que o ligava ao heroe. Voltaria disse de Luiz IX que parecia ter sido destinado a reformar a Europa, se a Europa tivesse sido susceptivel de reforma.

S. Luiz fez a França triumphante e policiada; e foi o modelo dos principes, sem deixar de ser o tambem dos homens. Prudente e firme no conselho; intrepido sem allucinação no combate; sensível como se tivesse sido alguma vez infeliz, elevou a virtude até onde é possível ao homem eleva-la!

Continua.

A capella de Corpus Christi, no convento de S. Domingos de Bemfica.

Portugal teve muitos fillos benemeritos, que lhe alargaram as fronteiras com a ponta da espada, que, devassando ignotos mares, plantaram o pavilhão das quinas nas mais oppostas e longinquoas regiões do globo, e, finalmente, que ennobreceram e illustraram o seu nome com o esforço do engenho e rasgos da eloquencia no pulpito e na imprensa.

Para a maior parte d'estes homens, a quem o paiz deve tanto em todo o genero de interesses moraes e physicos, foi a patria bem ingrata. Ingrata na vida, que a tantos deixou morrer sem recompensa. Ingrata depois da morte, pois que deixou quasi todas essas illustres cinzas em vergonhoso esquecimento, sem um padrão que lhes honrasse a memoria, e a algumas até sem o nome, que mostrasse ás gerações futuras o lugar onde repousava um peito ousado, ou uma fronte, em que brilha a luz de uma intelligencia superior, gastos em proveito e gloria do paiz.

Esse arrojado nauta, que, affrontando as iras do oceano, então povoado de phantasmas pelo terror de gerações inteiras no decurso de tantos seculos, rasgou, atravez de tamanhos perigos e difficuldades, o veo mysterioso, que occultava aos olhos da Europa o caminho da India; esse corajoso portuguez, que assim lançou os fundamentos, não só para a prosperidade e gloria de Portugal, mas tambem para a moderna civilisação europea, jaz esquecido, e quasi ignorado sob humilde lousa na matriz da Vidigueira! O nome de Vasco da Gama, repellido com acatamento em toda a Europa, mal

se distingue na pobre lapida, que lhe cobre as cinzas!

O heroe, que subjeitou ao dominio de Portugal quasi toda a Asia, ou conquistando reinos, ou avassallando monarchias; que deu a el-rei D. Manuel, como disse um nosso elegante escriptor, mais corôas e sceptros do que este soberano possuia de castellos; lá dorme o seu somno eterno no convento da Graça de Lisboa, debaixo de uma simples e mesquinha lagea, á entrada da antiga casa do capitulo. Talvez que os pés dos soldados, que ali teem quartel, tenham já apagado o nome do grande Affonso d'Albuquerque! E tão pouco conhecido é, mesmo em Lisboa, o lugar aonde repousa o conquistador de Goa, que muitos dos nossos modernos escriptores teem confundido a sua modesta sepultura com o sumptuoso mausoleo de Mendo de Foios, que avulta na sacristia d'aquelle extinto convento.

O sublime cantor de todas as nossas glorias; o illustre epico, que fez conhecida no mundo a historia portugueza aos sons accordes da sua lyra de ouro; o homem, que tão alto subiu nas azas do genio, que mereceu o honroso epitheto de—*principe dos poetas do seu tempo*; não tem uma pedra elevada, que commemore a elevação e grandeza de seu immenso vulto! As cinzas do immortal Camões, tantos annos sem uma unica letra que indicasse o lugar, que as guardava, e depois ainda mais annos ignoradas e occultas ás pesquisas d'algue, que pretendia honral-as, foram por fim encontradas d'involta com outras confundidas!!

Aonde iriamos, se quizessemos estender este catalogo? Corra-se porém o panno á proverbial ingratidão da nossa patria! Corra-se esse sudario de tantas misérias. Encubra-o agora um nome grande na vida, e honrado na morte. Possa n'este momento, ao menos, esconder-se aquelle vergonhoso quadro sob as proporções grandiosas do nobre jazigo de D. João de Castro.

Este tributo de homenagem á memoria de tão insigne varão, teve por autor um neto do heroe.

O fundador da grande e formosa capella de Corpus Christi, communmente chamada capella dos Castros, aonde descansam em soberbo mausoleo os restos mortaes do inclito vice-rei da India, D. João de Castro, foi D. Francisco de Castro, filho de D. Alvaro de Castro.

Está fundada esta capella no convento de S. Domingos de Bemfica, distante da igreja, e junto ao claustro, para onde deita a sua porta principal. O anno da fundação, e a sua invocação lê-se na seguinte inscripção, que está proximo do altar, gravada em marmore: *Ad maiorem ineffabilis Eucharistiae venerationem, peculiarem Desiperae Virginis de Rosario honorem; individui Patriarchae Dominici, Martyrum Nazarii, Celsi, Victoris, ac Innocentii confessoris memoriam, aedem hanc in penetralibus Sacratoriem Erexit, Condidit, Dedicavit D. Franciscus de Castro Episcopus olim Aegitanensis, Regis, ad status consilia adsidens, rerum fidei moderator supremus. Anno Domini MDCXVIII.*

Esta capella, mais vasta do que muitas igrejas parochiaes, mesmo de Lisboa, é de uma só nave, e tem mais de setenta palmos de comprimento, e quarenta de largura. O pavimento é de lajeas de marmore de diversas côres, as paredes todas de cantaria, e a abobada da mesma pedra, toda apainelada, com artezões e molduras.

Abrem-se nas paredes seis arcos, tres de cada lado, guarnecidos e divididos por pilastras d'arcas, que é a ordem de architectura, que presidiu á fabrica de toda a capella. Os dois arcos visinhos ao altar são as portas, que dão serventia, a da parte do evangelho para a tribuna e aposentos pertencentes ao fundador e seus herdeiros; a do lado da epistola para a sacristia.

Os outros quatro arcos são occupados em os tumulos de D. João de Castro, vice-rei da India, e de sua mulher D. Leonor Coutinho, de seu filho primogenito D. Alvaro de Castro, e da mulher d'este D. Anna de Attayde. Os dois primeiros estão do lado do evangelho, e são os que a estampa junta mostra. Os outros dois estão da parte da epistola.

Estes tumulos são eguaes em tudo, excepto nas inscripções. Fabricados de marmores de côres, assentam sobre elephantes de marmore cinzento. O epitaphio de D. João de Castro é um eloquente epilogo das gloriosas façanhas do quarto visor-rei

da India. Transcrevel-o-hemos em prova de respeito para com este grande vulto historico.

D. Joannes de Castro xx. Pro Religione in ultra-que Mauritania stitendibus factis navata strenue opera Thunetano bello faelicibus armis penetrato: debellatis inter Euphratem, et Indum nationibus: Gendrosico Rege, Persis, Turcis uno praelio fasis; servato Dio, imo Republicae reddito, dormit in magnum diem, non sibi, sed Deo triumphator: publicis lacrimis compositus, publico sumptu prae paupertate funeratus: obiit Octavo Id. Junii. Anno 1548. Aetatis 48.

Tem a capella um só altar. Uma escada de seis degraus conduz ao presbyterio, no qual estão os tumulos do fundador, D. Francisco de Castro, que foi bispo da Guarda, e depois inquisidor geral, nascido em 1374, e fallecido em 1632; e de sua irmã D. Violante de Castro, condessa de Odemira.

No altar, e no seu retabolo, que se eleva até á abobada da capella, ha para admirar muito boa obra de esculptura em marmore e madeira, sendo esta ha poucos annos doirada com o maior primor. Para a veneração ha ali um bello sacrario, varias reliquias de santos, e o painel do retabolo, de excellente pintura, que representa a Cêa do Senhor.

Por baixo d'esta capella ha um espaçoso carneiro, onde repousam varios membros da illustre familia dos Castros, que ali teem o seu jazigo.

Contiguo a esta capella, e inteiramente separada do convento, edificou D. Francisco de Castro uma casa com seu jardim, onde elle ou seus herdeiros podessem residir algum tempo; e ao pé fundou um dormitório para noviciado do convento. Em quanto este existiu habitado pelos religiosos de S. Domingos, pertencia aos frades, em compensação de legados, o culto e guarda da capella. Depois da sua extincção tomou posse d'ella o senhor conde de Penamacôr, actual representante e descendente do grande visor-rei da India.

Do visinho convento de S. Domingos, tão rico de memorias historicas, em outra occasião nos occuparemos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A villa d'Alter do Chão.

Na provincia do Alemtejo, quatro leguas ao occidente da cidade de Portalegre, está situada a villa de Alter do Chão.

A sua primeira fundação é attribuida aos romanos, que a denominaram *Eltori*. Não é inteiramente averiguado se com effeito foram elles os seus fundadores, mas é fora de duvida, que no tempo do seu dominio na Lusitania era aquella povoação uma cidade grande e muito importante. D'isto ha documentos escriptos, e muitas provas materiaes nos restos, que ainda se descobrem de muitos edificios, tanto dentro da villa, como nos seus arrabaldes em um circulo bastantemente extenso.

Em diversas epochas, por occasião de se abrirem alieceres, ou de se fazer alguma outra sorte de excavações, teem-se encontrado algumas medalhas, mosaicos, esculpturas, e até estatuas de idolos em pedra. Segundo affirma o conego Novaes na sua *Relação do bispado d'Evora*, impressa em 1633, achou-se ali uma estatua de Cupido, com aljava e settas, muito bem esculpida em marmore. Dizem que no meado do seculo XVII ainda ali existiam as ruinas de um edificio, que se achava ter sido templo, com o pavimento de mosaico.

Atravessava a antiga cidade de Eltori uma das tres vias militares do imperador Antonino Pio, a qual communicava Lisboa com a cidade de Merida, passando por *Aritium Pretorium* (Benavente), *Matusarum* (Ponte de Sôr), Eltori, *Ad Septem Aras* (Assumar), *Badua* (Nossa Senhora da Botova) e *Plagiaria*, cuja situação se ignora. D'esta via ainda se vêem varios pedaços nos limites d'aquelle concelho.

Destruída em tempo, e por ordem do imperador Adriano, ao que parece em castigo da rebelião dos seus moradores; saqueada e devastada durante as diversas invasões, que se succederam no solo da peninsula iberica á dominação romana; abandonada pelos moiros, que preferiam os loga-

res altos para assento das suas povoações; a cidade d'Eltori estava em completa ruina, e quasi de todo despovoada, quando os moiros foram expulsos do Alemejo.

Elrei D. Affonso III mandou-a reedificar e povoar; e el-rei D. Diniz, para attrahir moradores à nova povoação, deu-lhe foral em 1293 com os mesmos privilegios de que gosava Santarem, que eram muitos. Assim surgiu d'entre as ruinas da grande e populosa cidade d'Eltori a villa d'Alter do Chão. A primeira parte do seu nome é uma corrupção do antigo, e a segunda derivou-se do sitio plano em que está fundada. A vizinha villa d'Alter Pedroso occupa ainda uma parte do terreno em que se erguia a antiga Eltori.

No anno de 1331 ainda o mesmo rei D. Diniz, com o intento de lhe restituir o seu antigo lustre, confirmando aquelle foral, acrescentou-lhe novas regalias e isempções.

Em 1359 residiu aqui algum tempo el-rei D. Pedro I, e por essa occasião deu um singular exemplo de justiça severa, mandando enforcar um homem, que havia annos forçara uma donzella, posto que a recebesse logo depois em casamento.

No antigo regimen gosava esta villa de voto em côrtes com assento no banco decimo. D. João I deu o senhorio d'ella ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o qual veio a passar para a casa de Bragança.

Tem uma só parochia, que se intitula de Nossa Senhora da Assumpção, e que é um bom templo de tres naves. A casa da misericordia foi fundada em 1524 por el-rei D. João III a instancias de sua tia a rainha D. Leonor, instituidora d'aquella veneranda confraria. Annexou-se então a esta santa casa o hospital, que ali havia da invocação de S. Domingos, com todas as suas rendas.

Ha dentro da povoação cinco ermidas. O convento de Santo Antonio da extincta ordem dos religiosos capuchos da provincia da Piedade, foi fundado junto à villa, em logar mais alto, pelo duque de Bragança, D. Theodosio II, que n'elle lançou a primeira pedra aos 8 de Outubro de 1617.

Esta villa foi outr'ora toda cercada de muros, de que hoje apenas restam os vestigios. O seu castello é obra d'el-rei D. Pedro I, que n'elle mandou pôr a seguinte inscripção: *Era de 1359 aos 22 de Setembro o mui nobre rei D. Pedro mandou fazer este castello de Alter do Chão.* Tem dentro um poço com muita agua, que fornece um bom chafariz, que fica fora do castello para o lado do sul. Além d'este é a villa abundantemente abastecida por outros de melhor fabrica.

A sua praça nobre é aquella em que estão os paços do concelho, e o pelourinho, orlada de casas de mui soffrivel apparencia; porém a sua mais bella praça é o Rocio do Espirito Santo, por ser muito espaçoso e povoado de arvôres.

Deu muita nomeada a esta villa a sua grande caudellaria real, que, durante os tempos em que o governo olhava por ella com attenção e zelo, produziu optimos resultados. As raças d'Alter chegaram a um subido grau de reputação e apreço.

Todo o seu termo é muito fértil e productivo. Encerra bastantes vinhas, oliveas, montados, onde se criam muitos porcos, e excellentes pastagens, em que ha numerosa criação de diversas qualidades de gados.

Faziam-se n'esta villa duas feiras, uma em 25 de Abril, que durava tres dias, e outra em 4 de Agosto, tambem de tres dias; mas ao presente não as vemos incluídas nos mappas das feiras. Alter do Chão conta uns dois mil habitantes.

As armas d'esta villa, conforme o desenho que se acha na Torre do Tombo, são um escudo com uma fonte de prata em campo verde. E assim as damos aqui em estampa. Todavia em alguns autores as achamos mencionadas do seguinte modo:

Um castello com dois escudos das armas reaes, e uma fonte com duas flores de liz.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Os impostos são o preço, pelo qual se compram as vantagens, e commodidades sociaes: quanto menor for esse preço, e maiores essas vantagens, tanto mais perfeito será o systema financeiro.

Lições para maridos

COMEDIA EM TRES ACTOS

IMITADA DE VERSO HESPAÑOL.

Continuação.

ACTO II.

SCENA XIV.

CONDESSA, D. FREDERICO.

(*Fallam com muita rapidez.*)

D. FREDERICO.

Quer dançar?

CONDESSA.

Quero.

D. FREDERICO.

Possuo a prova do que lhe disse.

CONDESSA.

Como?

D. FREDERICO.

A sua rival é...

CONDESSA.

Quem?

D. FREDERICO.

Lucinda, a americana!

CONDESSA.

Oh! que infâmia!

D. FREDERICO.

Dá-lhe amanhã um presente.

CONDESSA.

Aonde?

D. FREDERICO.

No theatro italiano.

CONDESSA.

Amanhã não é o meu dia.

D. FREDERICO.

Irá para um camarote que lhe offereço.

CONDESSA.

Bem! bem!

D. FREDERICO.

Como o conde a julgará ausente, vê-o-ha devorado de paixão...

CONDESSA.

Basta!

D. FREDERICO.

É uma coisa indigna!

CONDESSA.

Oh!

D. FREDERICO.

É injuriar a si, e à sua familia.

CONDESSA.

Vamos dançar. Não quero que ninguém possa conhecer a febre que me devora.

D. FREDERICO.

Emilia!

CONDESSA.

Febre? Não é com lagrimas, é com uma profua-

da alegria que devo saudar um desengano, que me restitue a liberdade! (*com riso convulsivo*) Dance-mos! dance-mos!

D. FREDERICO.

E pode um homem que tem a ventura de a possuir, fazer a côrte a outra mulher!... E porque não aceita v. ex.^a o meu amor?

CONDESSA.

Acaso lhe prokibi que me ame?

D. FREDERICO.

Oh! quanto sou feliz!

CONDESSA.

Vamos para a sala do baile. Pode notar-se a minha ausencia.

D. FREDERICO.

Vou...

CONDESSA.

A orchestra já começou ha muito tempo... Entremos ou terá de escolher outro par.

D. FREDERICO.

Isso nunca!

CONDESSA.

(*Áparte*) Oh! mundo! mundo! Vou dançar, e quizera morrer!

D. FREDERICO.

(*Áparte*) Hade ser minha!

CONDESSA.

(*Áparte*) E heide dissimular a dôr que me devora com um banal sorriso!

(*Quando a condessa e D. Frederico se retiram, apparece pela porta da direita D Eusebio.*)

SCENA XV.

D. EUSEBIO, SÓ.

Vejo-me, graças a Deus, livre por alguns instantes d'essa incomparavel Sapho, que me não deixa nunca em paz os ouvidos. Como n'um baile só pode servir de comparsa ou de panno de raz, está-se divertindo a jogar o xadrez com uma collega, não menos seccante e pertenciosa! Aproveitome d'esta folga, para seguir os passos d'aquella, ai de mim! que para sempre perdi. Foi dançar com uma pessoa que não conheço, deixando sobre aquella jardineira o seu ramalhete. (*aproxima-se, pega-lhe, beija-o com precaução, e deixa-o depois aonde estava*) Está cada vez mais formosa! Cresceu em elegancia e frescura depois que a deixei em Sevilha! Com que amor, com que delirio eu me lançaria a seus pés!... E para que? Já não pode ser minha, pertence a outro homem! Mas se me vir de repente, talvez se sobresalte... O que heide fazer? Deixarei aqui a dâdiva, que d'ella obtive em tempos mais felizes, tecida por suas proprias mãos. (*põe um bracelete sobre o ramo*) Ajusta perfeitamente. (*mostrando a porta da direita*) D'ali poderei observar o effeito que lhe produz... (*Deixa o ramalhete sobre a jardineira, e volta rapidamente a cabeça*) Não é ninguém! De tudo tenho medo! (*a musica cessa de tocar*) Acabou a quadrilha. Heide voltar outra vez... E a outra? Deus me livre que o soubesse... Voltarei antes que acabe a partida de xadrez...

(*Vae-se pela porta da direita, e ao mesmo tempo apparecem pelo fundo Carlota e o barão de brago dado.*)

Continua.

O castello de Guimarães.

Nobre padrão do imperio godo, assento illustre da córte do conde D. Henrique, glorioso berço do fundador da monarchia, este monumento, por tantos titulos venerando, ergue-se com garbo e magestade sobre fundamento de rochas em uma pequena elevação ao norte de Guimarães, e quasi fora do seu recinto.

Nos primeiros tempos, provavelmente, do estabelecimento em o nosso solo d'essas agnerridas hostes, que depois de terem destruido o imperio romano, vieram avassallar toda a península hespanica, edificaram os novos senhores na provincia, que hoje chamamos Minho, e tres leguas ao nascente de Braga, uma alta torre quadrangular, coroada de ameias, e com uma unica porta aberta a um terço, pouco mais ou menos, da sua altura.

Em torno da fortaleza foram-se logo edificando e agrupando diversas moradas de casas, constituindo assim um burgo ou villa, que pelos vestigios que d'elle existem, se mostra ter sido bastantemente povoado.

Passados tempos, seculos talvez, uma nobre dama, que vivia n'uma quinta proxima do povoado, chamada Mumadona, ainda parenta de D. Ramiro II, rei de Leão, e, ao tempo a que nos referimos, viuva do conde D. Herminigildo Mendes, oriundo da mais pura nobreza dos godos, resolveu-se a fundar na sua quinta um mosteiro duplex, então muito em voga, de frades e freiras, porém com clausuras separadas, e só com o templo commum.

Obtidas as necessarias licenças deu principio á obra pelos annos de 927 da era christã, e apenas a viu concluida, recolheu-se ao mosteiro com as suas freiras.

Em breve se levantou em torno do mosteiro um burgo como o que se erguera em volta d'aquella torre, com a differença, que este, pelas muitas razões de boa visinhança, que lhe faziam as duas comunidades religiosas, que a poderosa fundadora dotara de grossas rendas, medrou e cresceu com mais rapidez.

Andavam então os moiros tão atrevidos em suas correrias; faziam tão amudadas entradas por terras de Galliza; procuravam com tanto afan roubar os conventos, destruir os santuarios, e assassinar os seus indefesos moradores; que a condessa Mumadona julgou prudente precaver-se para o caso de alguma aggressão dos infieis, edificando ahi proximo um castello, que servisse de protecção e defesa ao seu mosteiro.

Aproveitando a forte e bem construida torre, que se elevava no alto do visinho e antigo burgo, mandou cercal-a de muralhas, com suas torres e portas, deixando dentro d'este recinto algum espaço livre, tanto para os defensores da fortaleza, como para os que a ella se houvessem de acolher nas occasiões de perigo.

Tal é a historia da fundação do castello e villa, hoje cidade, de Guimarães. Aquella antiquissima torre quadrangular, que occulta na escuridão dos tempos a sua origem, é a torre de menagem, que ora campêa com tão senhoril aspecto sobre todo o castello.

No burgo, que se estende á sombra d'estas musgosas e velhas muralhas, actualmente tão reduzido e decadente, teve o seu nascimento a nobilissima cidade de Guimarães. A sua infancia e desenvolvimento veiu depois tel-os no burgo do mosteiro, que tomou da quinta em que este ultimo se edificou o nome de Guimarães. Ao seu berço ficou-se chamando — *Villa Velha*, e tanto a nova lhe foi ajuvando a substancia, que pouco a pouco foi caindo em ruinas, e as suas ruinas tambem com o discurso do tempo foram desaparecendo. O que hoje resta da povoação primitiva é bem pouca coisa, e esse pouco miseravel.

Compõe-se o castello de sete torres quadradas, unidas por altas muralhas ameaiadas, e da torre de menagem, que se alevanta do centro. Das sete torres exteriores, duas defendem a porta principal, que está voltada para o sul, e lhe apertam a passagem: outras duas guardam a porta, que dava saída para o campo extra muros, que olha para o norte: e as tres restantes guardam os lanços de

muralha entre as duas portas, uma para o lado occidental, e duas para o oriente.

Pela parte interior encosta-se á muralha uma escada de pedra, que conduz a um passeio, que vae correndo sobre os muros, junto ás ameias, com sufficiente largura para os soldados poderem d'ahi defender o castello. As torres tambem são coroadas de ameias, com seus terrados, para os quaes se sobe por escadas exteriores, que principiam n'aquelle passeio.

No recinto d'este castello, em volta da torre de menagem, ha um terreiro com sessenta e nove passos de nascente a poente, e trinta e seis de norte a sul.

A torre de menagem, como já dissemos, não tem mais do que uma porta, a qual fica no mesmo nivel do passeio sobre os muros, que servia de apoio á sua ponte levadiça. D'ahi para baixo não ha nas suas paredes uma unica abertura, e d'ali para cima dividia-se a torre em tres pavimentos, apenas allumiados pela escassa luz, que a furto se cõa pelas estreitas e pequenas frestas abertas nas quatro paredes. Actualmente já não conserva nem ponte levadiça, nem distribuição de pavimentos; mas bem deixa ver o logar d'elles, assim como sobre a porta se divisam os oculos por onde corriam as cadeas de ferro, que suspendiam a ponte.

Entre a torre de menagem e a muralha do lado do poente avultam as ruinas do paço do conde D. Henrique. Occupava este paço todo o lado occidental do castello, desde a torre visinha das duas, que defendem a porta principal, até ás que servem de guarda á porta do norte. As suas paredes do poente e do norte apoiam-se sobre as muralhas do castello, e conservam-se inteiras, deixando perfeitamente ver a divisão das casas. As outras paredes estão quasi de todo aluidas.

Constava este paço de dois andares mui baixos e acanhados. As janellas, que ainda conserva, são pequenas, quadradas, e divididas ao meio por um pilar sextavado, tendo todas assentos de pedra. A maior sala d'esta parte do edificio tinha duas janellas, collocadas nas extremidades, deixando entre ambas um grande vão, e na parede do sul tinha uma grande chaminé, sem vestigios de adorno de especie alguma. As mais salas de que se descobrem os restos das paredes divisorias eram muito pequenas, e muito poucas.

Entre a torre de menagem e o lanço de muro oriental ficava a ermida, uma casa, aonde talvez se aquartelasse a tropa, e a prisão. Era esta ultima muito acanhada; servia-lhe de entrada uma janella baixa, quadrada, a pouca altura do chão, e defendida com mui grossos varões de ferro. No meio d'ella levanta-se da terra metade de um enorme rochedo, de forma espherica, ao qual está presa uma pesada corrente de ferro.

Eis ahi em breves linhas a descripção do castello e paço, aonde nasceu o primeiro rei de Portugal. Facil é de fazer pela singeleza e natural estreiteza do quadro. Assim o fora o debuxo do formosissimo e tão variado painel, que os olhos releancem de cima de qualquer das torres do castello.

Ergue-se o velho alcaçar d'entre o verde massico de copado arvoredor. Para o lado da villa desce o terreno com suave declive; para o lado opposto, o poente, é este pequeno oiteiro como cortado a prumo, e formado de grandes penedos. D'ali cobrem a collina com seu toldo de verdura castanheiros e choupos, carvalhos e oliveiras. D'aqui prolonga-se com a raiz do castello comprida fileira de tão esguios e altos castanheiros, que acompanham a toda a altura, como guarda de honra, a unica frente do paço, que tem resistido de pé ao duro embate das tempestades no correr de tantos seculos. Todo este lanço da muralha e parede do paço vae vestida de heras, com que se engrinaldam as janellas.

Olhando para o lado do sul vê-se proximo do castello o antigo paço dos duques de Bragança, parte de pé, parte em ruinas, e mais além a cidade de Guimarães, assentada em terreno mais baixo do que o castello, e saindo d'entre apertado cinto de viços arvoredor, que parece querer competir com as grimpas dos dezeseis companheiros, que coraam os templos da cidade. Estende-se em

torno da povoação larga cercadura de campos, que sempre verdejam, orlados de carvalhos e castanheiros, por onde trepam vides, que logo se penduram em grinaldas. Junto a estes campos erguem-se pouco elevadas collinas, tapetadas de perennes verdouros, a que se encostam as bellas residencias dos senhores condes de Villa Pouca, e d'Arrochella, cujos jardins, ornados de fontes, vasos e balastradas de pedra, vão descendo em espaçosos terrados até quasi tocar n'aquelles campos.

Voltando os olhos para o norte dá-se com o romantico mosteiro da Costa, outr'ora habitado pelos filhos de S. Jeronymo, tão pittorescamente situado a meia altura de um monte, todo coberto d'arvores seculares, d'entre as quaes avulta o celebre carvalho plantado pela rainha D. Mafalda, mulher d'el-rei D. Affonso Henriques, que fundou o mosteiro no anno de 1154. No seculo passado ainda tinha outro companheiro, irmão na idade e na origem. Prostrou-o a mão implacavel do tempo. O que existe, vimol-o ha poucos annos tão frondoso, tão vigoroso e soberbo, como se em vez de setecentos annos, apenas tivera meio seculo. Ao lado do mosteiro para o nascente eleva-se a formosissima serra de Santa Catharina, por onde se dilata bastante a antiga cêrca dos monjes de S. Jeronymo.

Não cabia, certamente, aqui a descripção d'esta serra, pois que estamos sómente a delinear o panorama, que se desfructa de cima das torres do castello. Todavia, foi tal a impressão, que recebemos, quando visitámos aquella deliciosa montanha, que em diversas excursões percorremos toda, que não podemos agora resistir á tentação de lhe dedicarmos um breve periodo.

A crista da serra erigida de rochedos, que formam a lapa, convertida pelos devotos em capella de Santa Catharina; penedos descommunes, ora isolados, ora agrupados, deixando entre si profundos abismos; grossas torrentes descendo com precipitação, e quebrando-se com fragor contra os musgosos penhascos; humides arroios, deslizando-se brandamente sobre alcatifas de relva, ou correndo com doce murmurio por entre as fendas das rochas, caindo em perolas aqui, e coando-se ali em fios de prata; arvores colossaes, cheias de viço e vigor, erguendo com altivez para o ceo a vastissima coma de sua ondulante folhagem, ou reclinando-se como para descanso sobre as penhas, ou quasi deixando-se cair em escabrosos precipicios, como se quizessem sondar o abismo, ou tão debruçadas sobre os ribeiros, que n'elles banham as tremulas pontas de seus ramos; e por meio dos claros da floresta, ou atravez do seu veo de verduras, a cidade alvejando lá no valle, e o seu castello da idade media projectando contra o roxo-azulado de montanhas longinquoas as formas severas das suas torres ameaiadas; eis em resumido e mal acabado esboço o maravilhoso quadro da serra de Santa Catharina.

Voltando, porém, ao castello, de que tanto nos afastámos, e estendendo a vista para o occidente, pouco elevadas collinas; valles pouco profundos; por toda a parte verdouros; aqui e ali espalhados muitos casaes e ermidas; e emfim longa cordilheira de serras, dispostas em amphitheatro, fazendo molduragem a todo este bello painel, é o que para aquellos lados os olhos podem ver.

Exceptuando os paços do conde D. Henrique, e alguns pedaços de ameias, o castello de Guimarães, todo fabricado de grandes pedras, do granito de que abunda aquella provincia, acha-se no melhor estado possivel de conservação.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Publicou-se — 29, ou Honra e Gloria, comedia drama de costumes militares em tres actos e quatro quadros, offerecida e dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, por José Romano. — Preço 360 réis.

Publicou-se a comedia em tres actos, *Ninguém julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan. — Preço 360 réis.